

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.:

Data: *06.05.80*

Pg.:

Índios surpreendem Funai

Xavantes vão a Brasília e tentam resolver crise na reserva

Da Sucursal e
do Enviado Especial

Dois camburões, duas patrulhinhas, um caminhão com tropa de choque e uma perua cercaram o bloco A do setor de autarquias Sul, em Brasília, prédio onde funciona a Funai, enquanto o presidente Nobre da Veiga e 31 líderes xavantes discutiam as possibilidades para um desfecho não-sangrento da crise na reserva de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso. Esse desfecho poderá vir hoje, quando os xavantes vão se avistar com o ministro Mario Andreazza.

A conversa na Funai durou quase três horas e dela participaram também quatro deputados do PMDB: Modesto da Silveira (RJ), Jorge Uequed, (RS), Gilson de Barros e Carlos Bezerra (MT). Segundo Modesto da Silveira, o presidente da Funai só aceitou a presença dos deputados depois de muita discussão.

A retirada dos policiais só foi possível graças à intervenção do cacique Aniceto, líder da reserva de São Marcos, que na conversa com o coronel Nobre da Veiga lembrou que a presença das tropas policiais iria "esparrramar sangue dos xavantes e dos policiais". Imediatamente foi dada a ordem de retirada, mas os 12 membros da Polícia Federal convocados pela Funai para acompanhar os acontecimentos, permaneceram no interior do edifício, circulando entre os jornalistas. A Funai, entretanto, em nota oficial, disse que coube ao presidente do órgão a retirada da polícia, por considerá-la "desnecessária".

De concreto, informou o deputado Modesto da Silveira à saída do encontro, o presidente da Funai se comprometeu a assumir a reivindicação dos índios junto ao ministro do Interior e conservar o chefe da Ajudância de Barra do Garças, Odenir Pinto de Oliveira, que confirmou frente ao presidente da Funai as ameaças de prisão que vem sofrendo desde o dia primeiro de maio. Odenir, que nasceu na aldeia xavante de Kuluene, está sendo acusado de insuflar os índios.

POLÍCIA LUDIBRIADA

A decisão de vir a Brasília foi tomada em Barra dos Garças, durante o fim de semana, pelos caciques xavantes, ludibriando os 16 agentes do SNI e os 13 da Polícia Federal espalhados pela cidade. Os indígenas embarcaram na noite de domingo em um ônibus da Viação Aragarina, acompanhados por três deputados do PMDB preocupados por sua segurança e vários jornalistas.

Os xavantes tomaram a resolução de ir a Brasília de surpresa depois que o coronel Nobre da Veiga não foi até Pimentel Barbosa definir a questão da demarcação. Além de exigirem a ampliação de cerca de 20 mil hectares na reserva, os xavantes também não aceitam o afastamento do chefe da Ajudância local, pedem o fim do boicote da direção da Funai ao "Projeto Xavante" — para que possam colher este ano 120 mil sacas de arroz — e demandam o afastamento do presidente da Funai e dos coronéis Correia, Pagano, Neimar, Godin, Sérgio Moscasso, Nestor, Nei, Zanone, Ximenes e o capitão Jurandir. Os xavantes chegaram à Funai às 10 horas da manhã de ontem, armados de bordunas, arcos e flechas. Em princípio, eles deveriam se pintar como se fossem para a guerra, mas o chefe Warodi, filho do cacique Apoena e



Armados, os caciques iniciam diálogo com o coronel Nobre da Veiga.

que se recusa a falar português, decidiu não mais se pintar.

Ao tomar conhecimento da presença dos 31 líderes o presidente da Funai concordou em receber "apenas os chefes". Todos são chefes, foi a resposta dada pelos índios, que subiram a pé sete andares para chegar à sala da presidência.

Na sala do coronel Nobre da Veiga, eles ocuparam os pontos estratégicos: as duas portas de saída, a porta do banheiro e a própria mesa do presidente. Dois fotógrafos puderam entrar e em seguida proibiu-se a presença da imprensa na sala do presidente. Meia hora depois de iniciada a conversa, quatro líderes foram ao corredor da Funai e convocaram os 30 jornalistas que lá se encontravam. Por dez minutos os jornalistas foram empurrados pelos índios, que insistiam na permanência da imprensa e pelos assessores da presidência que expulsavam repórteres e fotógrafos. Até mesmo o superintendente do órgão, Otávio Lima, chegou a puxar jornalistas pelo braço. "Na frente da im-

prensa eu não vou falar. A conversa é entre Funai e índios". O cacique Aniceto ponderava: "Imprensa tem que ouvir, jornalista pode ficar aqui". Depois da saída dos repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, a conversa se estendeu por mais duas horas e meia.

A chegada da polícia, os xavantes se revezavam na janela do sétimo andar. Alguns comparavam suas bordunas com os cassetetes. Celestino, um dos líderes de Couto Magalhães, levantou sua borduna e depois, numa mistura de xavante e português, declarou: "Não gostamos de presidente. Ele não presta. Xinga igual se fosse criança. Ele é mentiroso." Sobre a conversa dentro do gabinete, os índios disseram que foi "dura, muito dura".

O presidente da Funai, embora tenha prometido uma entrevista coletiva depois da conversa com os xavantes, não conversou com os jornalistas. À tarde, ele deixou o prédio da Funai escoltado por três coronéis de sua assessoria direta.